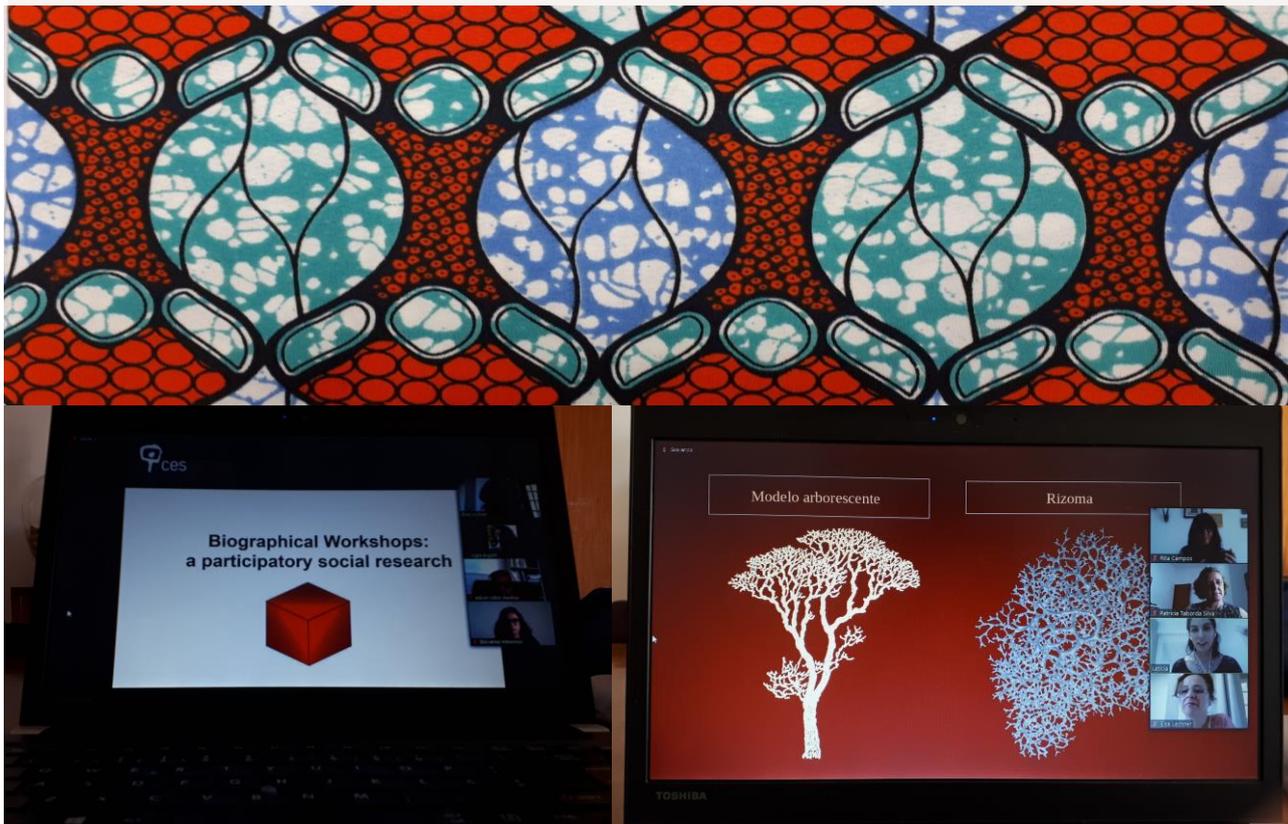


## CICLO DE OFICINAS RODA DE SABERES RELATÓRIO DE OFICINA

### PESQUISA COLABORATIVA E SABERES DE EXPERIÊNCIA: RECURSOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO BIOGRÁFICA E CARTOGRAFIA - OFICINA 2 -



### FACILITADORES DA SESSÃO

Elsa Lechner - <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/pessoas/investigadoras-es/elsa-lechner>

Letícia Renault - <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/pessoas/investigadoras-es-em-pos-doutoramento/leticia-maria-renault-de-barros>

### INFORMAÇÕES GERAIS

**Número total de participantes:** 10 (incluindo dinamizadoras e coordenação do Ciclo)

**Data:** 29/06/2020

**Duração:** 5h

**Hora início:** 14h00

## ENQUADRAMENTO DA SESSÃO: NOTAS, INTRODUÇÃO, TESTEMUNHOS DOS FACILITADORES

Notas da Coordenação do Ciclo: Esta foi a segunda oficina organizada sob o mesmo tema. Para mais detalhes sobre o seu enquadramento, ver por favor o relatório da primeira oficina, disponível na página da oficina [\[aqui\]](#) e na página do Ciclo de Metodologias Roda de Saberes [\[aqui\]](#).

---

## DESCRIÇÃO GERAL DA SESSÃO

Após uma breve apresentação do Ciclo de Metodologias “Roda de Saberes”, dos seus formatos e dos diferentes recursos criados, a oficina inicia-se com a apresentação das facilitadoras:

- Elsa Lechner, antropóloga social, cuja pesquisa tem incidido sobre processos identitários em contextos migratórios, relações interculturais, pesquisa biográfica, sofrimento e resiliência dos migrantes, emigração portuguesa e imigração em Portugal, e práticas de inclusão/participação. É autora de vários artigos nacionais e estrangeiros sobre pesquisa biográfica no estudo das migrações.
- Letícia Renault de Barros, psicóloga, que tem vindo a desenvolver um projeto de pós-doutoramento intitulado "Oficinas biográficas: uma investigação em primeira pessoa da experiência de migrar" no Centro de Estudos Sociais, sob a orientação da Elsa. Desenvolveu trabalhos na área da saúde mental e os seus interesses de pesquisa incluem a metodologia de pesquisa participativa e colaborativa, metodologias de primeira pessoa e, atualmente, a experiência migratória.

Elsa Lechner inicia a oficina mencionando os desafios de adaptação ao formato digital de uma metodologia ancorada no corpo, nomeadamente na presença dos corpos no espaço. Refere o formato em Roda das oficinas biográficas, ilustrando com imagem de uma oficina de um projeto de investigação seu. Refere também que as oficinas biográficas e a cartografia têm em comum o facto de serem articuladas pela experiência, sublinhando como a experiência comparece na produção de conhecimento na prática de ambos os métodos. Para ilustrar os diferentes pontos de vista na Roda de conversas das oficinas biográficas, cita o exemplo do cubo de Husserl, mostrando uma imagem de cubo, para referir:

- a diversidade dos pontos de vista;
-

- a posicionalidade dos sujeitos de conhecimento;
- a diferença e troca de perspectivas (representado pelas diferentes faces do cubo);
- a perspectiva empírica do conhecimento;

Esta imagem permite igualmente reforçar a noção do conhecimento como experiência humana.

Explica que as oficinas biográficas constituem investigação social participativa e que, tal como o desenvolveu nos seus projetos, se trata de um método baseado na corrente de origem francesa das Histórias de vida em formação, surgida nos anos 1980 no contexto educacional da aprendizagem de adultos e de aprendizagem ao longo da vida. Trabalham condições de vida, contextos históricos e desigualdades a partir dos relatos biográficos. Faz ainda uma referência às narrativas biográficas, segundo M.C. Josso (ver referências bibliográficas), em articulação com a pedagogia perceptiva, ou seja, é um método que assenta na importância do corpo no centro das aprendizagens e da educação e na produção de saber, que visa a justiça cognitiva. Sublinha o seu carácter trans- e pós-disciplinar (citando Ferrarotti). Explica que a oficina biográfica tem um desenho circular mas difere do grupo focal porque:

- envolve a partilha de conhecimento, i.e., é colaborativa;
- os/as participantes têm estatuto de colaboradores/as, não informantes;
- é participatória e não extrativista;
- pratica as “ressonâncias”, com resultados úteis para toda as partes.

Exemplifica a utilização do método com um projeto que desenvolveu sobre narrativas biográficas de migração em Portugal.

Relativamente ao uso do método, refere o foco na atenção, numa escuta atenta. Ilustra a sua circularidade e posicionalidade com a metáfora da *arbre à palabre*, assinalando a equidistância dos participantes relativamente ao objeto de análise. *Palabre* é um conselho de tomada de decisão colectiva. Sublinha a sua horizontalidade, visando a comunicação igualitária na aproximação dos/as participantes sobre um determinado tema, embora consciente das diferenças entre sujeitos sociais: cada perspectiva é única em torno de um círculo, cada pessoa oferece a sua experiência e visão para o grupo. Refere ainda o seu carácter interdisciplinar, prendendo-se a questões de sociolinguística, nomeadamente:

- a narração e a análise de conteúdos;
  - a memória;
-

- 
- o performativo: corpo como expressão, repressão, resistência, arquivo (percebido no sentido da teorização de Derrida);
  - dimensão política: a biopolítica e o biopoder; os direitos;
  - saber pela experiência que visa criar uma comunidade de aprendizagem, centrada em aprender a partir da diferença e diversidade;
  - suscetível de ter impacto nas políticas públicas, a nível local ou nacional;
  - metodologia centrada numa epistemologia cívica;
  - inclui a escuta dos silêncios: das vozes excluídas ou inauguraais;
  - tem uma dimensão criativa em termos de outputs potenciais.

Elsa termina a sua apresentação inicial da metodologia apresentando as etapas da oficina biográfica:

- escuta do silêncio, partilha do ouvir;
- produção e partilha oral de narrativa autobiográfica;
- ressonâncias (perceptivas e cognitivas);
- sumário final: maturação e produção de saber conjunto pelo grupo.

Volta a destacar a dimensão corporal da experiência e refere as suas dimensões analíticas:

- linguística, narração conteúdos, *speaker/listener*;
- memória, eventos passados, eventos históricos, subjectividade;
- performatividade, o corpo como expressão, supressão, repressão, resistência e arquivo; o corpo como repositório de experiência; o corpo como arquivo;
- política, biopoder, direitos, direitos humanos.

Lembra que é uma investigação participativa, com impactos em cada participante: consciência, transformação, percepção, resiliência, resistência. Há produção de conhecimento. Fala-se na necessidade do/a investigador/a passar pela experiência e na experiência de viver em comunidade intercultural: aprendizagem a partir da diferença e da diversidade. É uma metodologia que pode ter implicações nas políticas públicas: incorporar o conhecimento nelas construído e fazer recomendações a partir da experiência. É ainda uma epistemologia cívica, de uma ecologia de saberes: ouvir os silêncios escondidos.

Letícia Renault apresenta então a Cartografia como estando, à primeira vista, associada ao registo gráfico (mapas). Na sua transposição para outros domínios, refere a psicologia, no âmbito da qual se relaciona com o problema biográfico, pois tem acesso a experiências

---

---

(cognitivas, mnemónicas, dolorosas ou quaisquer outras). Observa que na psicologia os comportamentos têm primazia sobre a experiência, pelo que este método procura contrapor-se à dominância da análise de comportamentos nesse domínio. Refere a sua emergência na psicologia clínica, tendo vertente teórico-prática e incorporando outras abordagens, como por exemplo a etnografia. Refere a sua expressão na filosofia, nomeadamente no pensamento dos filósofos “militantes contra-hegemónicos”, Gilles Deleuze e Félix Guattari, exposta na sua obra *Mille Plateaux*. Nela apresentam modelo de pensamento e produção de conhecimento diferente do tradicional. Na obra introduzem a noção de Rizoma (Deleuze; Guattari, 2004), o conjunto de raízes que crescem debaixo do solo, numa contraposição ao modelo de conhecimento em árvore. Opõe-se ideia do pensamento como tendo um centro: é uma rede sem centro, sem hierarquia, e é um modelo que valoriza conexões, os elos, as articulações, os intervalos, muito mais do que uma linha de progressão. Os dois filósofos apresentam assim a noção de Cartografia:

- com origem na botânica
- em oposição ao modelo arborescente: hierarquizado, com centro original
- defende um pensamento horizontal
- assente em elos, conexões, intervalos
- como uma rede sem centro

Deste modo, a Cartografia:

- visa traçar o rizoma
- visa fazer o mapeamento da rede rizomática
- visa produzir, promover as conexões
- assenta num modelo de pensamento que questiona hierarquias fixas

A Cartografia seria, então, um mapeamento da rede rizomática. Traçar o rizoma com um duplo sentido: não só traçar e fazer registo e mapear, mas traçar e produzir, criar as conexões os elos. É nesse ponto que se diferencia de um mapa como representação gráfica de uma realidade dada. Aqui é menos do que um retrato, é um traçar em movimento. É processual e participa na sua criação. A ideia de produção muito mais presente. Ao traçar o mapa está-se a produzir a realidade. Refere as suas repercussões metodológicas, nomeadamente no Brasil ou França, onde serviu de inspiração para a investigação de pesquisadores em ciências sociais, e em particular na psicologia, os quais estabelecem pistas ou diretivas do método em *Pistas do Método da Cartografia*(2009):

- a utilização na pesquisa de intervenção, que visa a produção de transformação;

- 
- a dimensão processual, baseada no acompanhamento de processos: os projetos são rizomáticos, com direções de investigação variáveis.

Refere-se ainda à Cartografia como um meta-caminho, delineado ao caminhar: os seus sujeitos-objetos são transdisciplinares, o que coloca o desafio de como dar conta disso na escrita científica. Toda a pesquisa é intervenção. A cartografia, originalmente, não é um método, ela própria é experimentação, exige mergulho na experiência. Relacionando com as oficinas biográficas, nota-se que as rodas produzem algo e transformam. Estar atenta/o aos efeitos da transformação da realidade que a pesquisa promove é algo inerente à abordagem. A cartografia não segue um protocolo, rege-se por directrizes. Uma directriz é que a cartografia supõe acompanhar processos: quando se fala que o pensamento é rizomático está-se a dizer que a realidade não está pronta que para ser captada e retratada, mas que é algo que se produz enquanto se pesquisa. Exige tempo, que varia de pesquisa para pesquisa mas não é um retrato fixo. Nota ainda que a necessidade de um tempo que não é necessariamente da Universidade mas é o tempo do campo. A cartografia tem, então, um formato colaborativo, interventivo, de forte impacto social. A este respeito, a Elsa refere como exemplo a pesquisa sobre sujeitos migrantes referida anteriormente: sujeitos excluídos, marginalizados, vulneráveis e inaugurais (no fazerem-se ouvir).

Outra ideia importante na cartografia é a exigência de uma determinada política de narratividade: é uma pesquisa atenta aos modos pelos quais as narrativas são produzidas, que problematiza a autoridade para produzir/acolher uma narrativa, do exercício de partilha/escuta das narrativas dos/as participantes e da partilha de ressonâncias, que podem constituir-se em pergunta; assente na sensação: materialidade. Então, como contemplar a processualidade, a própria fabricação e essa articulação que é rizomática, não tem hierarquia nem fronteiras disciplinares? Como dar conta disso na escrita - importante para implicações metodológicas? Como as oficinas podem dar pistas metodológicas para trabalhar a experiência? Elsa foca da intervenção da Letícia a natureza processual, a meta não ser unilateral mas conjunta, do carácter interventivo do formato colaborativo, que é uma novidade para a maioria dos/as participantes na investigação. Dá o exemplo do seu trabalho com migrantes: as/os participantes muitas vezes têm poucas hipóteses de se fazerem ouvir e estão numa posição de grande vulnerabilidade, mesmo relativamente à lei e ao Estado. O formato colaborativo é uma experiência inaugural para a grande maioria dos participantes. O seu carácter interventivo é efetivo. Realça que a identidade narrativa dos/as participantes é sujeita a transformações pela experiência da Oficina e acrescenta

---

que a pesquisa biográfica cose um 'poder ser' de uma narrativa possível. Nesse aspecto, refere-se à ressonância como interlocução, sendo a pesquisadora uma interlocutora.

Fala-se de projetos que cruzam a administração de políticas públicas e a psicologia social, nomeadamente, políticas de saúde pública e saúde mental, e de como o método da Cartografia pode ser um caminho de interlocução, pois assenta no *ethos* da confiança, e pode promover histórias de vida empoderadoras dos/as interlocutores/as. Um dos participantes, referindo o facto de o método assentar na experiência, coloca questões acerca da razão da escolha de sujeitos da sua investigação (moradores de rua, usuários de drogas) e do método comparativo. A Letícia esclarece que a Cartografia tem como objetivo partir de saberes de experiência (alheia, nesse caso) e que tem interesse por problemas como objetos de pesquisa. Letícia indica que a abordagem pela Cartografia entende o conhecimento como situado.

Letícia reitera a questão da política de narratividade como tema importante, longo; a força e fragilidade epistemológica da narrativa; os silêncios, a impossibilidade narrativa, a competência e legitimidade para produção e acolhimento. Não são dimensões sem desafios analíticos e práticos. O formato que tem impacto desde logo por ser uma nova experiência. A produção de conhecimento por sujeitos com poderes diferentes, a meta, a narratividade, a dimensão processual. Em cada projeto de investigação vê-se uma ou outra dimensão. O próprio projecto vai ser rizomático: vê-se em que direções o trabalho orienta. A cartografia interessa-se mais pelos problemas do que pelas respostas.

Os/as participantes são convidados/as a partilharem os textos autobiográficos que tinham preparado e enviado previamente às facilitadoras como estipulado. [Nota da Coordenação do Ciclo: uma vez que cada apresentação contém relatos de experiências pessoais, optou-se por não se incluir neste relatório o conteúdo dessas apresentações, assim como se excluem partes das conversas subsequentes.]

Fala-se de posicionamento situado: quem é a/o investigador/a dentro da pesquisa? Chama-se a atenção para a identidade narrativa e como ela pode mudar ao longo da oficina. O primeiro desafio é conseguir pôr em prática o trabalho, pois é o romper das limitações que traz algo de novo. Refere-se que uma das pistas da cartografia é o *ethos* da confiança e que a pesquisa traz sensação de empoderamento sobre a experiência. Fala-se ainda sobre experiências de investigação-acção/intervenção em áreas muito subjetivas, em que é

---

---

necessário trabalhar sem grelha, e que é difícil de ser compartilhada. Refere-se a necessidade de empatia por experiências indizíveis. Relativamente a esse ponto, uma das coordenadoras, que trabalha na área das humanidades, propôs como estratégia possível de relativização a focalização narrativa, que ao refratar a narração por diferentes vozes ou diferentes graus de distanciamento do(s) narrador(es), pode viabilizar a sua partilha. Não se trata de apropriar o conhecimento do outro mas estar lá e partilhar para construir em conjunto algo novo. Ainda relativamente a esta questão, comenta-se que os critérios para produção de conhecimento têm uma forma que limita a visibilização dessas experiências, propondo-se como alternativas o recurso à ficcionalização literária e à arte (visual, performance).

Uma das coordenadoras sublinha o contraste entre a não-linearidade e complexidade dessa categoria de experiências por oposição à linearidade narrativa, sugerindo a possibilidade de se recorrer ao pensamento complexo por forma a colmatar essa lacuna. Outra das coordenadoras comenta que a linearidade é característica do discurso argumentativo convencionalmente usado para a transmissão de conteúdos científicos, mas realça a capacidade do discurso literário, pela sua dimensão ficcional, de representar a não-linearidade e complexidade dessas experiências, por estratégias narrativas como discurso indireto livre, *flashbacks/forwards*. A Letícia acrescenta que, no domínio da filosofia, Deleuze e Guattari recorreram a tais estratégias, referindo a justaposição de capítulos não lineares em *Mil Planaltos*. Refere que o problema da indizibilidade pode ser das técnicas que usamos para transmitir a experiência. A literatura pode ser um recurso; o discurso científico é limitado e não dá dizibilidade às coisas que são importantes no campo. Este é um tema que sobressai da limitação do discurso científico e da narrativa linear. Uma coordenadora nota a necessidade de outras formas de desempenhar conhecimento, a necessidade de explorar o cruzamento com as artes. [Nota da Coordenação: os limites impostos à publicação de resultados obtidos no âmbito de projectos de investigações científicas e as relações entre ciência e arte têm sido temas recorrentes em muitos eventos do Ciclo.]

Fala-se de seguida dos desafios de trabalhar com questões da Memória e do Património Imaterial, examinando, por exemplo, desdobramentos ficcionais, nos enredos, de experiências colectivas, e como relacionar esse trabalho com o tema da oficina. As facilitadoras convidam a ressonâncias: a Elsa refere o papel de interprete do/a pesquisador/a no diálogo com o passado, sendo que o resultado é a restituição. O/A

---

---

investigador/a tem sempre papel interpretativo. Podemos aceitar a ideia do diálogo, inclusive na literatura, onde há diálogo com pessoas do passado. A Letícia sugere abordar a experiência pelos afetos e ter em conta a dimensão de fabricação da realidade. Refere Vinciane Despret (2004a, 2004b), que fala de como uma experiência comum compartilhada, que atravessa a mim e ao outro, nos pode ajudar a falar de algo que nos afeta, algo que atravessa ambos. Vinciane Despret é psicóloga e filósofa e seu trabalho versa, entre outros temas, sobre a relação entre investigadores em etologia e os animais. O seu trabalho é pertinente para refletir sobre o aparecimento de “sujeitos” e “objetos” do conhecimento, sobre a produção conjunta de conhecimento e sobre o tema de experiências supostamente indizíveis. Lembra a cartografia como intervenção e transformação da realidade. O abandono da ideia de representação da realidade pela intervenção.

Um participante considera necessário desenvolver métodos para trabalhar a questão da representação da natureza pelas comunidades indígenas, salientando a subjetividade (até ficcional) do conhecimento assente na relação direta com o objecto. Coloca a pergunta sobre como lidar com outras epistemologias: dando o exemplo do passado, que é uma noção linear na perspectiva eurocêntrica, é não-linear na epistemologia indígena. A Letícia refere a tensão de interesses entre pesquisa e efeitos práticos e dá como exemplo Deleuze, que se apropria de passados tornados presentes. Outra participante refere uma forma colaborativa de fazer literatura/escrita e sugere como estratégia leituras cruzadas de textos passados. Elaborando a partir desta última proposta, a coordenadora que trabalha em humanidades relembra a reescrita de mitos e narrativas de passados distantes: por exemplo a dramaturga Marina Carr e a críticas Marina Warner (ver Bizerril, 1999). Outra coordenadora, que trabalha na área da psicologia, aponta o relato oral como processo de investigação, sugerindo a sua inclusão como anexo a textos científicos. São citados alguns exemplos: o registo de experiências de uma tribo sobre a experiência das mulheres relativamente ao aparecimento do período. Acerca desse momento, há uma narrativa que inverte o género e que é interpretado como uma forma da comunidade subverter um tabu. É feita uma nota sobre tempo e ritmo e limitações e complexidade e diferença das tradições orais.

Após um breve intervalo, a segunda parte da oficina iniciou-se com o convite das facilitadoras à partilha de mais textos de reflexão autobiográficos pelos/as participantes e de ressonâncias.

---

---

Reflete-se a partir de experiências migratórias e do trabalho com coletivos sociais, com recurso a métodos como a cartografia social e a fotografia participativa. Refere-se como estas metodologias permitem abordar a questão da distância/proximidade do/a investigador/a, questionando “com que direito?”. Fala-se de escrita posicionada e questiona-se “quem coloca a pergunta?”. Fala-se ainda de se deixar atravessar pela experiência, questionando-se como incluir emoções? Ou outras vozes? Uma participante refere que a relação entre experiência pessoal (família, razão de ser investigador/a) e conhecimento se sente como mais premente no trabalho de campo. Outra participante nota a proximidade das áreas de investigação da pesquisadora, o que levanta tais questões; refere o risco de policiamento epistemológico do vivido. Referindo-se à interação do/a investigador/a europeu/europeia com comunidades estudadas, outro participante salienta as diferenças linguísticas e culturais e a necessidade de tradução, que pode causar distanciamento. Fala da utilização de outras linguagens, como o teatro, como forma de alargamento da comunicação da investigação e da publicação local e em outras línguas, dentro e fora da academia para dialogar com vários campos e ter “amplificação”.

Comenta-se que a experiência desperta a consciência e, por vezes, a crise leva a um reposicionamento: a empiria gera questionamentos, é fonte de renovação. Uma participante menciona a antropóloga Marisa Peirano, que defende a importância da etnografia, enquanto pesquisa empírica, e que a pesquisa de campo resulta numa ‘bricolagem intelectual’ desejável (2014). Alude também ao repto de Gilberto Velho para se ‘transformar o “exótico em familiar e o familiar em exótico”’ (1978). Reforça-se ideia do *ethos* da confiança como princípio da cartografia e que aparece nas narrativas das participantes. A Elsa sublinha a importância da empatia com o interlocutor no campo; o pensar a mutualidade sujeito-investigador-sujeito de investigação leva ao repensar da disciplina. A Letícia sublinha a ideia da confiança no processo da investigação, que contribui para a confiança dos interlocutores. Há que confiar no processo de pesquisa, levando uma participante a notar o aspeto normativo dos projetos de investigação, que desencoraja essa abordagem.

Discute-se o impacto na transformação social, como a investigação antropológica se reverte na criação de leis e processos semelhantes e a responsabilidade do/a investigador/a sobre a forma como a informação disponibilizada depois é utilizada por outros atores. Fala-se de como o conhecimento de algumas comunidades pode gerar perigos e ser explorado: o trabalho de investigação pode ser empoderador, mas há o risco de co-

---

---

opção/manipulação da investigação. Refere-se a Etnografia também como um trabalho de memória de experiência de outros: pode contribuir para transformar outras memórias histórias e ajudar a transformar determinadas narrativas espalhadas. Fala-se no caso da memória ou rememoração de processos violentos. Sobre esse aspecto, surge o questionamento, relativamente às memórias de uma colectividade e o pensar em como se usam os textos produzidos a partir destas memórias: quem é o autor? Qual a motivação dos/as participantes, do/a investigador/a? Há que lidar com os incómodos gerados no campo, negociar os protocolos de aceitação, delinear a intenção e definir a responsabilidade para haver coerência. Elsa refere que a questão da responsabilidade não é só técnica mas ética, e relacionada com a forma como assumimos a dimensão política dos projectos de investigação. Refere a aprendizagem de novas formas de escutar, dialogar e de desaprender: é um grande desafio de diálogo e de aprendizagem de novas formas de diálogo que quase não existem no dia a dia das nossas sociedades complexas; é aprender a falar, é desaprender, é reinventar. A Letícia reporta-se à sua experiência pessoal no campo da saúde pública sobre saúde mental, referindo questões sobre a forma de autoria na publicação: a inclusão de usuários como autores ou a negociação com revistas sobre a publicação por mais de 10 autores. Menciona também a co-produção de políticas públicas, referindo-se-lhes como sendo o *output*-meta do seu projeto sobre usuários de medicamentos, i.e., impacto social.

É trazida à conversa o caso de investigações em regiões com conflitos ou violência, e especificamente trabalho com comunidades indígenas e questões relacionadas com direitos territoriais e de cosmovisão. A Elsa recorda o trabalho de Carlos Martín Beristain (1999), especialista em trauma e violência, consultor do projeto do CES sobre oficinas biográficas com migrantes, e docente do respetivo Curso de Verão “Lives and History: a comprehensive course on biographies and societies”. Comenta-se, relativamente às questões dos atos religiosos de outras cosmogonias no contexto do estudo de comunidades indígenas, que estes serão filtrados pela visão pessoal e empatia. Neste domínio, cita-se Rita Segato: “hablar de justicia y legitimidad para con el Sur es incluir las demandas, las visiones, cosmogonías y espacios de las culturas que normativamente han quedado fuera de la cientificidad y, en consecuencia, de la relevancia política y académica.” (Anton, 2016, 2). Fala-se na questão do retorno do/a investigador/a às populações como forma de chegar à co-autoria. Refere-se novamente a questão da restituição como fundamental. Lembra-se o trabalho de investigadores canadianos, Leonie Sandercock e Giovanni Attili (consultor do projeto das Oficinas biográficas com migrantes), em contextos de violência histórica e

---

---

restituição, por ser multiperspetivista na representação de todas as partes. O trabalho foi feito entre os Inuit, com imagens, e a questão da restituição alcançou dimensão de reparação história do colonialismo branco. Atili interessou-se pelas comunidades a partir da questão do espaço e, no Canadá, fez trabalho mais etnográfico e realizou o filme “Finding Our Way”. Tem outro filme, com outra população, “When strangers become neighbours”, que mostra depoimentos biográficos de migrantes do mundo inteiro no Canadá.

A Letícia comenta a partilha de um dos participantes e levanta questões como as relacionadas sobre quem tem o direito de falar. Aposta na construção de pontes e articulações entre o que estava separado, baseado na ideia do Rizoma. Sublinha-se a potencialidade do trabalho biográfico, mas também as suas limitações. Lembra-se a possibilidade de construção de pontes entre pensamento científico e indígena, visando superar a dicotomia dentro/fora, pertença/não pertença. Estas são questões não só epistemológicas, mas também ontológicas, relativas à identidade dos povos. Fala-se de criar conceitos que trabalhem conceitos indígenas com conceitos científicos.

Colocam-se as questões: que contributo (se quer dar)? Que estatuto (atribuir)? Lembra-se que a produção é um artefacto humano, histórico, social e cultural. Uma participante evoca *Um Discurso sobre as Ciências* (1987) e *Introdução a uma Ciência Pós-moderna* (1989), de Boaventura Sousa Santos, onde se afirma que a produção de conhecimento na academia é marcada pela ausência de metodologias que fazem a ponte entre campos. Refere a noção de “retro-alimentação”, que afere o impacto real do conhecimento científico, e menciona os estudos culturais, a curadoria cultural e a arte (*site-specific art, performance, land-art*) como metodologias de intervenção social nas comunidades (estudadas) e na sociedade em geral, promotoras de inovação social, transformadoras e potenciadoras de trocas interculturais. Refere-se o conceito de arte participativa. [Nota da Coordenação: à semelhança do que tem vindo a ocorrer noutros eventos do Ciclo, incluindo a primeira oficina desta série de duas, o tema das relações entre ciência e arte volta a entrar nos debates.]

Elsa apela à adoção de uma perspetiva crítica dos fechamentos disciplinares. Afirma que se trata de uma questão de poder, questionando: como se mede o valor de um investimento? Qual a validade da questão do impacto? [Nota da Coordenação: estes tópicos também surgiram das partilhas na primeira oficina desta série, bem como nas primeiras tertúlias do Ciclo.]

---

Refere-se a investigação-ação, que visa produzir a mudança, a qual ocorre durante o processo, uma mudança replicável; um método empírico que atua ao nível das políticas de investigação, no sentido *bottom-up* por oposição a *top-down*. Surge a ideia de orientar o foco para pequenas transformações (como formigas) induzidas pela investigação, por oposição a um paradigma de grandes mudanças. Fala-se na ideia de encontros que transformam e de que narrativas criam as metodologias.

As facilitadoras convidam as/os participantes a fazer um balanço da sessão. Um dos participantes refere que se abordaram práticas colaborativas importantes - de co-produção e co-criação – para potenciação e amplificação dos recursos dos/as participantes. Sublinha a intercessão de saberes e olhares e deixa a pergunta: para quando será o alargamento dessas práticas de investigação como *mainstream*?

Uma coordenadora pergunta que mais fariam as facilitadoras no contexto de oficinas biográficas e de cartografia, ao que estas responderam que, com mais tempo, poderiam explorar de forma mais aprofundada o conceito de experiência a partir de cada projeto ou participante, com sensibilidade ao caudal da reflexão conjunta, ou seja, caminhando. Haveria igualmente mais oficinas de *follow-up* e de acompanhamento da “dança” da produção de conhecimento.

Pedi-se às facilitadoras que partilhassem um pouco mais acerca de projetos seus anteriores. Relativamente ao projeto com migrantes, a Elsa avança que envolveu 5 oficinas biográficas de três dias cada durante 3 anos (2012-2014) e que a co-produção conjunta consistiu, em termos mensuráveis, na participação dos/as voluntários/as em colóquios, atas, e, no caso do projeto com emigrantes portugueses, se traduziu na produção de autobiografias de participantes. Realça o impacto imaterial e criativo do projecto. A Letícia comenta que, no caso do projeto de cartografia sobre saúde mental, houve um alongamento do tempo, resultando num novo projecto no qual se realizaram encontros semanais no serviço de saúde mental durante dois anos. O grupo de pesquisa tornou-se em grupo permanente dos usuários e a pesquisa em ferramenta para uso pelos serviços públicos, sendo que a continuação dos processos metodológicos tem uma dimensão conjuntural no caso da Cartografia: i.e. dar resposta a um problema.

A Elsa sublinha a produção processual: as narrativas biográficas produzidas durante a

---

---

oficina, com grande ênfase na dimensão autobiográfica e sobre os “grandes temas” do trabalho do grupo, assente na “ruminação”, “faseada”, exigindo tempo; *slow science*. Uma participante refere ter gostado de ouvir falar do papel do tempo na investigação. A Letícia diz que vai levar da oficina o papel inquiridor; o *ethos* da confiança; a empatia; as falhas percebidas na posição de interlocutora e o empoderamento; a possibilidade de acrescentar algo novo à realidade. Enfatiza-se o papel da ciência ‘pós-disciplinar’ e o diálogo interdisciplinar. Realça-se o facto de que foram retomadas muitas questões abordadas noutras oficinas sobre outros métodos colaborativos e participativos. Um participante disse que gostou de ter que escrever sobre o seu posicionamento, que apreciou a dimensão performativa da oficina. Uma participante considerou importante compartilhar inquietudes no que considerou ser um espaço de comunidade, de práticas de reflexão conjunta. Refere-se a questão de contexto: espaço-tempo privilegiado de reflexão.

Coloca-se a questão sobre a Cartografia enquanto método de processos: há espaço para afirmação como método? A Letícia ressalva a apropriação do anti-método de Deleuze e Guattari como método, sobretudo no Brasil. Avança-se a proposta de que se trata de uma ciência orientada por princípios, mas com métodos. Sublinha-se a coerência entre o nosso trabalho e nossos valores a ele subjacentes, afirmando-se tratar-se de uma “ciência da alteridade” com uma dimensão utópica. As facilitadoras, as coordenadoras e os/as participantes acordam terminar a oficina neste laço conclusivo, orientado para a possibilidade da futuridade.

---

## **REFLEXÕES E QUESTÕES EMERGENTES**

A facilitadora Letícia partilhou com a Coordenação a seguinte reflexão: Destaco como uma questão relevante discutida nesta oficina a possibilidade de criar narratividade para experiências que, à primeira vista, qualificaríamos como indizíveis. Este tema, debatido a propósito da pista da política de narratividade em cartografia, pareceu atravessar todos/as os/as participantes da oficina, que, em maior ou menor grau, relataram dificuldades em comunicar suas experiências afetivas e de encontro com a alteridade em seus trabalhos acadêmicos. Tal dificuldade parece aprofundar a distância entre teoria e prática e força uma reflexão acerca do sentido e do alcance de nosso trabalho na Universidade. No entanto, a própria oficina, pela natureza do encontro proposto (investigadores de diversas origens disciplinares, nacionalidades, interesses de investigação e percursos biográficos) ofereceu, pelo menos para mim, uma ocasião para exercitar novas possibilidades de comunicação e de compartilhamento. Encontros como este proporcionado pela Roda de Saberes ajudam a

---

---

encontrar formas de partilha que ultrapassam fronteiras (disciplinares, mas não só). Acredito que encontros como os desta oficina permitem fabricar espaços de abertura comunicacional e criar comunidade mesmo com a (ou melhor, graças à) heterogeneidade. Destaco também que, nesta segunda edição da oficina, pudemos nos adaptar um pouco mais ao formato digital, tendo em vista algumas dificuldades que tivemos na primeira edição (sobretudo quanto à gestão do tempo e ao cuidado de garantir espaço para toda/os a/os participantes). Acredito que a realização desta oficina permitiu um aprendizado importante neste sentido.

---

### **REFLEXÕES DA COORDENAÇÃO DO CICLO: DESAFIOS E PROPOSTAS EMERGENTES**

Surgem desta oficina duas noções importantes: o tempo e a confiança. O tempo para preparar o trabalho participativo, para se criarem pontes com as comunidades ou objectos de investigação, para se ouvirem os/as diferentes intervenientes do trabalho, para se aprofundar o conhecimento que emerge das partilhas, para reflectir, para produzir e para restituir. A confiança entre intervenientes, para facilitar a criação das pontes, as partilhas, a reflexão colectiva, o pensar nas formas de produzir algo com os resultados, na devolução, na intervenção, na transformação. Tempo e confiança para construir conhecimento alicerçado nas experiências, no mundo real, embora tantas vezes em contra-corrente com a lógica produtivista que domina a academia e impõe duras restrições ao trabalho de campo, ao “ruminar” das partilhas, e à publicação e restituição do conhecimento gerado nestas rodas.

Surge também, novamente, a questão das possibilidades de relações entre ciência e arte, o seu potencial interventivo e transformador. A Coordenação anota a (re)emergência deste tema e prepara-se para organizar uma tertúlia dedicada a explorar as possibilidades de relações entre trabalho artístico e trabalho científico, suas potencialidades e desafios associados.

---

### **AVALIAÇÃO, COMENTÁRIOS FINAIS E SUGESTÕES DE MELHORAMENTO**

Um breve questionário *online* foi enviado as/os participantes logo após a oficina e foram recolhidas 4 respostas. Destas, 50% dos/as participantes declaram-se completamente satisfeitas/os, 25% bastante satisfeitas/os e outros/as 25% mais ou menos satisfeitos com a estrutura e dinâmica geral da oficina. Quanto à relevância/pertinência dos conteúdos para a sua prática profissional/investigação, 50% avaliaram-nos como completamente pertinentes e 50% como bastante pertinentes. Sobre o equilíbrio entre as componentes teórica e prática

da sessão e a adequação da componente teórica, 25% das respostas indicam total satisfação, 25% bastante satisfação e 50% alguma satisfação. Relativamente à adequação da componente de avaliação teórica da sessão, 50% das respostas revelam total satisfação e 50% alguma satisfação. No que diz respeito à adequação e natureza dos exercícios práticos, 50% das respostas revelaram total satisfação, 25% bastante satisfação e 25% alguma satisfação.

O desempenho das facilitadoras foi avaliado positivamente (50% completamente satisfeito e 50% bastante satisfeito). Relativamente à satisfação geral com os contributos do grupo e com os diálogos e reflexões gerados na sessão, 75% das respostas revelaram total satisfação e 25% bastante satisfação. A maioria das respostas revelou total satisfação (50%) com a qualidade dos diálogos gerados na sessão, e uma menor percentagem bastante satisfação (25%) e alguma satisfação (25%).

As/os participantes declararam ter muito interesse (75%) ou bastante interesse (25%) em participar noutras oficinas do Ciclo. A maioria está disponível ou interessada/o em envolver-se em novas colaborações ou projetos com a metodologia apresentada (75% totalmente disponível e 25% bastante disponível) e em recomendar a sessão a outras pessoas (75% recomendaria fortemente e 25% recomendaria bastante).

Do ponto de vista da avaliação qualitativa, sublinham-se como pontos positivos:

*\_a satisfação geral e capacidade de adaptação ao meio virtual* (“Como foi dito, a experiência presencial seria muito interessante, contudo, dada a limitação, creio que a oficina cumpriu com a proposta inicial.”)

*\_a qualidade das facilitadoras e diálogos gerados* (“A entrega e partilha dos participantes foi muito generosa e as dinamizadoras muito equilibradas na facilitação.”; “Acho que o simples diálogo já valeu a pena.”)

Como notas negativas:

*\_os constrangimentos causados pela duração da oficina* (“Maior duração, dividida em 2 períodos, para dar espaço a um aprofundamento da componente teórica e sua articulação com a experiência da sessão”; “Eu acho que es preciso conhecer com mais tempo a proposta pedagógica desenvolvida na sessão”)

*\_necessidade de aprofundar mais os conceitos teóricos e a sua articulação com a prática* (“Difícil retirar conclusões que possam articular a teoria e o vivido.”; “Acredito necessário

entender o conceito da experiência. Se por acaso tem uma ligação com o empirismo. Nesse caso acho que seria melhor refletir coletivamente isso. Penso que outros colegas têm uma concepção diferente do conceito”)

*\_alguma dispersão de temas causada pela heterogeneidade do grupo* (“Difícil mesmo pela heterogeneidade. Embora, é possível criar algum grupos de discussão com temas comuns.”)  
[Nota da Coordenação: não houve pré-selecção de participantes pelo que a heterogeneidade do grupo acabou por ser uma consequência dessa opção. No entanto, as facilitadoras referiram que o uso destas metodologias na investigação pressupõe a definição de um tema e selecção de participantes de acordo com esse tema.]

Como sugestões para melhoramentos futuros, além da questão da duração da oficina foi também referido dar mais destaque ao método da cartografia numa próxima oficina (“O método cartográfico poderia ser objecto de uma sessão autónoma pois enquanto ferramenta tem um enorme potencial a ser explorado”).

## BIBLIOGRAFIA REFERIDA

ATTILI, Giovanni, SANDERCOCK, Leonie. O medo do Outro. Planeamento através de diálogos terapêuticos em comunidades altamente conflituais. In Elsa LECHNER (org.) *Rostos, Vozes e Silêncios: uma pesquisa biográfica colaborativa com imigrantes em Portugal*. Coimbra: Almedina, 2015.

BIZERRIL, José. “O Território da Confluência: Poética e Antropologia”. *Horizontes Antropológicos*. ano 5, n. 12. Porto Alegre. dez. 1999. 103-132.

<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/25553/1/0104-7183-ha-5-12-0103.pdf>

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux: Capitalisme et schizophrénie*, 2. Paris: Éditions de Minuit, 2013 (1ª ed. 1980).

-----. *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*. Trad. Brian Massumi. London: Continuum, 1987.

-----. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000 (1ª ed. 1995).

-----. *Rizoma*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

DESPRET, Vinciane. The Body We Care For: Figures of Anthro-zoo-genesis. *Body & Society*, 10 (2-3), 2004a, 111-134;

DESPRET, Vinciane. *Our Emotional Makeup: Ethnopsychology and Selfhood*. New York: Other Press, 2004b.

FERRAROTTI, Franco. *História e histórias de vida. O método biográfico nas Ciências Sociais*.

---

EDUFRN, 2014.

JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MARTÍN BERISTAIN, C. *Reconstruir el tejido social*. Barcelona: Icaria editorial: 1999.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs). *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009: <https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/473.pdf>

PEIRANO, Marisa. "Etnografia não é método". *Horizontes Antropológicos*. ano 20, n. 42. Porto Alegre. jul./dez. 2014. 377-391: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>

SEGATO, Rita L. *La crítica de la colonialidad en ocho ensayos: Y una antropología por demanda*. Buenos Aires: Prometeo, 2013. Citado em resenha em artigo de Aritz Tutor Anton, "Rita Segato y la abertura decolonial", *Biblio 3W*, vol XXI, no 1.163, 2016.

<https://revistes.ub.edu/index.php/b3w/article/view/26347>

----- "Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial". Trad. de Rose Barboza. *e-cadernos ces* 18. "Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical". 2012:

<https://journals.openedition.org/eces/1533>

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento, 1987: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/87143/1/Um%20Discurso%20Sobre%20as%20Ciencias%20ed%201995.pdf>

----- *Introdução a uma Ciência Pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989:

<http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/livros/introducao-a-uma-ciencia-pos-moderna.php>

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987 (Cap. 9: Observando o familiar):

<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWVpbnxhbnRyb3BvbG9naWFjdWx0dXJhbGNzfGd4OjdiZTJlNDk3N2ViMDMwNzM>

---

## PRODUÇÃO E VALIDAÇÃO DO RELATÓRIO

**Data de elaboração do relatório:** 28/08/2020

**Relatório produzido por:** Rita Campos, Ana Teixeira de Melo, Patrícia Silva, Elsa Lechner, Leticia Renault

**Relatório validado pelas facilitadoras:** Sim  Não

---